

ENTREVISTA / EMÍLIO DOMINGUES, CINEASTA

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**S**emanas depois de botar o circuito carioca para dançar com “Black Rio! Black Power!”, Emílio Domingos tira do forno um documentário quentinho para o Festival do Rio imergir na criação de um dos LPs mais seminais da MPB: “Os Afro-Sambas, o Brasil de Baden e de Vinícius”.

Com sessão nesta quarta (9), às 19h, no Estação NET Botafogo 1, e quinta, às 18h30, no Estação NET Rio 3, o longa-metragem parece seguir por um caminho bem diverso dos painéis edificadas entre o lirismo e a antropologia pelo cineasta em títulos como “A Batalha do Passinho: O Filme” (2012) e “Favela É Moda” (2019).

A conexão sociológica entre eles, contudo, é indisfarçável, a julgar pela triagem de expressões da ancestralidade africana e sua depuração em novos ritmos e novas estratégias de sobrevivência.

O marco zero do filme é o ano de 1966, quando lojas de disco recebem o trabalho fonográfico de sinergia de Vinícius de Moraes (1913-1980) e Baden Powell (1937-2000) chamado “Os Afro-Sambas”. Participantes da gravação original, críticos, amigos e familiares dos músicos revivem a criação dessa obra-prima.

Filmada entre Salvador e Rio, a produção reúne imagens de arquivo e entrevistas exclusivas com Maria Bethânia, Dori Caymmi, Russo Passapusso e Nelson Motta. Na vitrola do Correio da Manhã, Emílio solta seu som:

**O que o disco dos Afro-Sambas revela sobre o lugar da ancestralidade preta/negra na música brasileira e de que maneira essa**

# ‘É uma viagem radical pelo espaço mais clássico da MPB’

Divulgação



**O cineasta carioca Emílio Domingos dirige ‘Os Afro-Sambas, o Brasil de Baden e de Vinícius’**

muito diferente, oriundo de São Cristóvão, que traz uma forma de tocar mais enérgica. É um disco que veio cercado de expectativa e aponta muitos caminhos. Foi importante não por número de vendas, mas pela quantidade de pessoas que influenciou. É um disco em que Vinícius faz uma viagem por um universo lírico que não é comum a ele nem à Bossa Nova, falando de candomblé e umbanda. É uma viagem radical, que recebeu críticas por suas letras, mas aponta muitas trilhas para o que virá a ser o epicentro do Tropicalismo, já se aproximando da Bahia. Essa musicalidade afro-baiana é apontada ali, sob a influência de Dorival Caymmi. Quando o país foi escutar Caetano, Gil e Gal, logo na sequência, já havia uma familiaridade.

**De que maneira essa pesquisa histórica conversa com as suas investigações musicais anteriores? Qual é a linha antropológica que une esses filmes?**

Esse filme abre uma nova

frente para o meu trabalho, pois embora eu continue falando de música, e música negra, por meio da figura de um artista da Zona Norte, como Baden, eu saio do espaço contemporâneo, do soul, funk e hip hop, para ir um espaço mais clássico da MPB. O eixo aqui é a afirmação de uma cultura, se pensarmos nas pesquisas de Baden que ele desenvolve nesse disco. É um LP que foi sampleado por vários artistas do hip hop e ficou cultuado no exterior. O disco do Marcelo D2, “Eu Tiro É Onda”, tem sampler dele, trabalhando o “Canto de Ossanha”.

**Como foi idealizada a produção desse seu novo .doc?**

Os produtores desse filme são os mesmos de “Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você”, a Renata Leite e o Diogo Pires Gonçalves. Foram eles que me convidaram para esse projeto, que foi feito para entrar no streaming, na Max, mas ganha estreia mundial agora no Festival do Rio.

**herança segue materializada em nossos sons?**

**Emílio Domingos:** O “Afro-Sambas” insere na MPB, com profundidade, a percussão afro-brasileira. Vinícius já era um artis-

ta consagrado pela Bossa Nova e, com esse disco, sua música dá um passo em direção aos terreiros de candomblé. Marca a chegada de Baden, um gênio do violão, ainda prodígio, com um estilo de tocar